

MERCADO PARA BIOCOMBUSTÍVEIS

*** Roberto Rodrigues**

A onda dos biocombustíveis vem crescendo no mundo inteiro. Todos os dias acontecem novos seminários, exposições e debates sobre o tema, em todos os continentes. Talvez devido à repetição dos eventos, não seja possível levar a todos eles especialistas competentes e que de fato conheçam o setor da agroenergia, de modo que acabam sendo ouvidas pessoas nem sempre bem informadas ou, às vezes, preconceituosas em relação à temática. E a confusão cresce em vez de levar ao esclarecimento.

Nada é mais repetitivo do que o falso dilema da disputa biocombustível x alimentos, e não há argumentação numerológica, técnica ou científica que demova os neo-malthusianos crentes na fome por causa do etanol e do biodiesel. As pessoas fazem contas sobre o futuro olhando para o passado. Avaliam que vai faltar comida com base em níveis de produtividade estáticos, como se a inovação tecnológica não existisse.

Esquecem-se de exemplos recentes que mostram exatamente o contrário. Só no caso brasileiro, os dados são suficientes para desmontar o argumento: nos últimos 15 anos, a área plantada com grãos no Brasil cresceu 21% enquanto a produtividade aumentou 119%. No caso das carnes, o número é ainda mais impressionante: em 12 anos a produção de carne suína cresceu 113% e a de frango 170%! Isto demonstra a enorme capacidade de aumentar a oferta de alimentos no futuro, inclusive com o uso de novas tecnologias, como a transgenia.

Por outro lado, a produtividade do etanol por hectare também dobrará em função de avanços tecnológicos. E finalmente, haverá produção de alimentos nas áreas de renovação da cana onde antes só havia pastagens. Portanto, não há e nem haverá no longo prazo o problema da concorrência entre alimentos e biocombustíveis. Outras questões recorrentes nos eventos referidos – como a plantação de cana na floresta Amazônica (absurdo agrônomo), ou a questão ambiental da monocultura – já estão todas equacionadas.

Na verdade, o grande problema em relação aos biocombustíveis é a criação de um efetivo mercado mundial. Ainda não existe este mercado. E para que exista, para que o etanol se transforme em uma commodity de fato, é fundamental que mais países produzam para exportar, que haja políticas para estocagem e investimentos em logística. Não haverá uma commodity se só houver um país exportando-a. Ninguém trocará a dependência do petróleo pela do álcool. Também é necessário padronizar o produto.

Este é o grande tema a ser perseguido, além da relevante questão do aquecimento global: tem muita gente investindo na produção, contando com um mercado que precisa ser estabelecido.

É por isso que o entendimento entre Brasil e Estados Unidos para construir destilarias na América Central e no Caribe é bem vindo. Mas é pouco. Precisamos

muito mais, como acordos com países europeus para investimentos na África, e com o Japão para projetos na Ásia. E isto não é apenas um trabalho para governos. É muito mais uma ação do setor privado, que ganhará em todas as frentes: na comoditização, na exportação do etanol, na exportação de usinas completas, de tecnologia, de know how, e de inteligência. É aí que não dá mais para perder tempo.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**